



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE SETEMBRO
DE 1951

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua, do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.002
ANO XLV

ABDALLAH, O HACHEMITA

Todavia, quando em 1915, encorajado por Lawrence, o xerife Hussein El Hachemi, 38.º descendente do Profeta e guardião dos lugares santos de Meca e de Medina, decretou a revolta contra os turcos, os seus três filhos, Ali, Fayçal e Abdallah, foram os seus mais fogosos lugar-tenentes.

(O quarto, de nome simbólico Zed, não teve história).

O príncipe das miragens

No fim da guerra, os três príncipes hachemitas reclamaram o salário prometido: o califado para seu pai, a Síria para Fayçal, o Hedjás para Ali, a Mesopotâmia para Abdallah. Mas um príncipe da Arábia Oriental, Ibne Seoud, expulsa do trono do Hedjás Hussein Ali e toda a esperança do califado. A mesma sorte atinge Fayçal, que Gouraud expulsa de Damasco, mas favorito de Lawrence, vê-se atribuir o trono da Mesopotâmia, que se tornará Iraque. Para recompensar Abdallah cria-se, então, por sua intenção, e esperando tempos melhores, o curioso principado da Transjordânia, destacado da Palestina.

Desde então, reinando em Amman, a antiga Filadélfia, sobre trezentos mil beduínos, Abdallah vive na esperança, cada vez mais de reconstituir o reino hachemita, ou pelo menos a Grande Síria.

A amizade do soberano hachemita pelo seu aliado britânico foi muitas vezes posta à prova. Mais de uma vez ele viu-se tratado, não como um rei, mas como um peão sacrificado às vistas próximo-orientais de Londres. Abdallah foi um dos melhores jogadores de xadrez do mundo, mas ele não apreciava essa maneira de jogar manifestando de quando em vez alguns acessos de mau humor. Mas depressa se lembrava do preceito corânico da resignação à fatalidade (Ab-

PAGOU COM A VIDA A SUA FRANQUEZA E O SEU LEALISMO

O assassinio de Abdallah da Jordânia acaba de aumentar a lista dos dirigentes do Próximo Oriente abatidos por fanáticos.

É uma das maiores figuras daquela região que desaparece. Com setenta anos esse extraordinário homem pequeno, rechonchudo, agil, com a sua barba sal e pimenta, os seus pequenos e vivos olhos de amêndoa, o seu turbante imaculado de xerife, as suas vestes bordadas de ouro, atirador e cavaleiro emérito, devoto, respeitando à letra a doutrina corânica, fiel às leis da honra e da hospitalidade do seu Hedjás natal, aliando o fausto à simplicidade, numa palavra, esse digno descendente de Hachem, o neto do Profeta, oferecia a própria imagem do grande senhor árabe.

Pretendem alguns que ele teria podido servir de modelo do famoso reizinho de Soglow, ao qual o assemelham o seu humor e as suas astúcias. Lawrence não gostava nada dele. Como teria podido apreciar esse príncipe exuberante, tão diferente dos camelários equívocos, que estão para uma grande parte na base da paixão votada por alguns anglo-saxões à causa árabe?

dallah, quer dizer, «o escravo de Deus»), e, esperando que o vento mudasse novamente de direcção, retomava a famosa partida de xadrez, por correspondência, desde há seis anos, contra o campeão dos Estados Unidos, que por ironia se chama Mr. Bliss, ou seja em árabe «o diabo».

Um gato é um gato

O traço mais espantoso da personalidade de Abdallah era a sua maneira franca de falar. Ele não conhecia nenhuma das hipocrisias que são a condição de certos dirigentes da Liga Árabe. Nenhum jor-

nalista, que eu conhecesse, pode obter uma audiência, sem que apontasse no seu livro de notas as declarações mais surpreendentes que se possam imaginar. Lembremo-nos de um desses encontros, em 1947, em Chouné, onde, durante duas horas o soberano expôs sem disfarce nem artifício os seus projectos. Com visível tormento do mestre de cerimónia que lhe servia de intérprete, Abdallah recusou-se durante toda a entrevista a designar o presidente sírio, o rei Faruk e o rei Ibn Séoud senão pelo «bandido», o «garoto» e o «boticário», respectivamente.

(Continuado da pág. 3)

O SOL VOLTOU A BRILHAR...

Conto de
MARIA NORMAND

NO velho relógio da so-larenga casa de jan-tar bateram nove horas. Belita despertou daquele estado de apatia que a tomava desde há tempos e suspirou profundamente... No quarto, de requintado gosto feminino, penetravam os últimos raios de luz da silenciosa e arras-tada tarde de Verão; à sua volta, as coisas tomavam uma forma imprecisa e pouco o pouco o suave crepúsculo foi envolvendo todos os móveis. Em cima da mesinha redonda, colocada no vão da janela, estavam dispersas as cartas que ele lhe escrevera... Há quanto tempo isso aconte-cera? Belita não o sabia. Dir-se-ia ter perdido a noção do tempo, desde que ele partira para essa misteriosa África que ela odiava, talvez por ser a terra que lhe roubara o seu amor. A si própria se interrogava se o pas-sado distante não teria sido um sonho, simplesmente um desses sonhos dos quais nunca é grato despertar. Mas, então, aquelas cartas?... Sim, aquelas cartas... eram realidade! E de tanto as reler quase as sabia de cor. Eram o seu mundo, a única re-cordação que ele lhe deixara ao partir... Eram as cinzas daquele amor que os unira durante bre-ves meses de felicidade; e, afinal, tudo acabara tão repentina-mente como por encanto... Por-qué? Pobre Belita! Ela nunca o soubera...

Lançando um olhar distraído à lareira, pensou se devia ou não destruir aqueles envelopes azuis... Acaso teria o direito de os con-servar, agora que sabia que ele es-tava noivo de outra? Mas resolu-tamente, tomou uma decisão: ja-mais queimaria essas cartas, mesmo que ele nunca lhe pertence-esse; o passado era seu e a nin-guém o cederia, já que o futuro não lhe pertencia. Com mãos tré-mulas, tornou a juntá-las por or-dem e refeito o maço foi guar-dá-lo no pequeno cofre, único confi-dente das suas alegrias e triste-zas...

* * *

BELITA e o irmão tomavam sempre o café juntos. O pai, abastado lavrador e nascido no campo, tinha por hábito erguer-se com o Sol, a fim de vigiar de perto os trabalhos agrícolas; e a mãe, de construção débil, levanta-se bastante tarde. Só, então, reparando nas pro-fundas olheiras da irmã, o jovial Carlos lhe perguntou:
— Que tens, Belita? Estás doen-te?...
— Creio que não... Apenas não dormi bem esta noite...

— Ah! Já sei, as tuas habituais insónias...

— Isso mesmo. Como vês, nada de cuidados — respondeu ela, ten-tando sorrir.

— Não é bem assim... Estás pá-lida e muito mais magra... Pre-cisas de distrair-te... Olha! Tive uma ideia! Tenho de ir à cidade e espero demorar-me lá três a quatro dias... Irás comigo e a mudança de ambiente far-te-á bem, verás. Anda, vai preparar as tuas coi-sas e não procures alegar descul-pa para não vires...

— Mas... e o pai? É claro que a mãe não se importa.

— Não te dê isso preocupações... Eu falarei com ele, já que tu hás-de ser toda a vida aquela me-nina tímida que não ousa pedir nada ao pai! Porque, dize cá! Não terás tu o direito de distrair-te como as outras raparigas da tua idade?

— Talvez tenhas razão, meu bom Carlos; mas, tu sabes como é o pai! Não compreende a sua cidade de hoje... Tem lá as suas ideias e ninguém lhas tira... E a mãe fraca e doente, não tem coragem de contradizê-lo.

— Sim, Belita, tudo isso é ver-dade... Mas desta vez irás comi-go, percebes? — ainda que para tal eu tenha de suportar toda a ira paterna...

— Mas, porquê, hoje precisa-mente? — insistiu a irmã, um pou-co intrígada.

— Ora! Simplesmente porque está uma manhã muito linda e eu sou muito amigo da minha ir-mãzinha — respondeu o endiabrado Carlos, enquanto se erguia da mesa para ir procurar o pai.

* * *

DECORRIDA meia hora, os dois irmãos partiam contentes a caminho da cidade, através de campos inundados de sol.

Belita, insensível aos encantos da paisagem, sentiu-se estremecer quando o irmão lhe disse, com ar despreocupado:

— Querida! Não queria dizer-te agora... mas acho que é melhor estares preparada... O Rogério Paulo chega amanhã...

— Que dizes?! (Belita julgou não ouvir bem).

— Digo que ele deve chegar amanhã de manhã... E depois de estarem tantos anos sem se ve-rem, pensei que gostarias de ir esperá-lo... de modo que resolvi trazer-te comigo, custasse o que custasse... — concluiu Carlos, com um sorriso malicioso que não pas-sou despercebido a Belita.

— Nesse caso... quando me dis-deste para vir contigo...

E como não tivesse coragem de terminar a frase o irmão resolveu fazê-lo:

— Sim, já sabia que o Rogério Paulo chegava amanhã... Ele próprio me escreveu...

— Ah!... Mas, então!... Se ele está noivo...

— E que tem isso de extraordi-

nário? Não eras tu a sua maior amiga?... Ou terás deixado de o ser?...

— Oh! Não!... — apressou-se Belita a retorquir. — E tu bem o sabes!... «Porque tudo pode ser realizável menos deixar de se gostar daquilo de que se gosta...». Li isto algures e é uma grande verdade...

— Por isso mesmo te peço que vás amanhã ao cais e não te preocupes com essa noivazita que nem sequer conheces!...

* * *

O Tejo estava sereno e azul e no cais havia alguns rostos ansiosos que olhavam com inter-esse a aproximação do paquete. Todos os passageiros tinham afluído ao convés, desejosos de avistar entes queridos que os espe-ravam em terra. Num cantinho discreto, Belita, de óculos escuros, os cabelos esvoaçando à brisa ma-tinal, tinha o olhar fixo na alta silhueta de Rogério Paulo que na ponta do convés fumava placida-mente um cigarro... Procurava descobrir a «noiva» — pensou Belita, tentando esconder as lá-grimas por detrás dos vidros pro-ectores dos óculos. — No entanto, eram lágrimas de alegria, essas! De alegria de tornar a vê-lo, após tão longa separação!...

Naquele momento, desejava esquecer a «outra»... Queria ape-nas viver esse breve instante de felicidade!... Como lhe soava es-tranha essa palavra que tradu-zia «alegria de viver...». Mas, com ele, voltara a esperança!...

Neste divagar do seu pensa-mento, não deupor terem colo-cado a «passarelle».

Algumas pessoas foram a bordo e, entre elas, Belita julgou «adi-vinhar» a «rival», mas logo se convenceu do contrário, porque ele continuava imóvel na ponta do convés, parecendo não ter pressa de desembarcar. Porém, de súbito, lançou o cigarro ao mar e, dando meia volta, desapareceu dali... Então, completa-mente desorientada ela deu uns passos hesitantes, sem saber onde refugiar-se de toda aquela gente que a empurrava, sentindo-se qual frágil barquinho perdido nas vagas do Oceano...

Nessa altura, um carregador quase a ia atropelando com o seu carro cheio de malas e alguém lhe pusera as mãos nos ombros sem nenhuma cerimónia, quando, voltando-se bruscamente, para re-prender o insolente, um grito lhe escapou dos lábios rubros:

— Rogério Paulo!...

— Belita!...

Foi ele o primeiro a quebrar o encantamento que os envolvia:
— Parece-me um sonho, tornar a vê-la!... — disse em extase.

Belita sorriu-lhe, com o seu lindo sorriso de outrora, e murmu-rou apenas:— A mim, também!...

— Sim, calculo quanto tenha

(Continua na pág. 6)

ABDALLAH

(Continuado da 1.^a página)

Mas em troca observava uma regra de ouro: logo que lhe atribuíam uma declaração de alguma importância, desmentia oficialmente em termos categóricos.

Quantos jornalistas não deviam ter passado maus bocados! Mas os iniciados conheciam a importância que convinha atribuir ao desmentido real. E Abdallah estava visivelmente satisfeito por esse meio que ele imaginara para dar a conhecer o seu pensamento, sem o risco de ser logo atacado.

Muito, recentemente, na Turquia, no decorrer de uma conferência da Imprensa, ele declarou que se a guerra rebentasse entre Israel e a Síria, a Jordânia ficaria neutral: «Naturalmente» — acrescentou ele intencionalmente aos estupefactos jornalistas turcos — **se os senhores publicarem o que eu acabo de dizer eu desmenti-los-ei imediatamente.**

Esta franqueza real fazia de Amman a capital mais «sã» do Próximo-Oriente. Fiel às concepções tolerantes de seu irmão Fayçal, Abdallah julgava possível a coexistência harmoniosa de uma comunidade judaica e do Oriente árabe. Ele não tinha nenhuma confiança na Liga Árabe e desprezava Azzam Pachá. Os seus projectos da Grande Síria inquietavam seriamente Faruk e Ibn Séoud. A publicação das suas «Memórias», nas quais ele distribuiu sarcasmos e invectivas, acaba de alienar-lhe a maior parte dos dirigentes árabes.

A morte do rei Abdallah deu-se no momento em que a Jordânia está privada de Parlamento, que foi dissolvido em Maio, em seguida a manifestações hostis contra o soberano. O que é mais grave é que a sucessão real põe certos problemas delicados; e para começar, o herdeiro presuntivo está louco.

A loucura do delfim

Filho mais velho do rei Abdallah, o príncipe Talal mostrava, há já algum tempo, sinais de desarranjo cerebral. Por polidez, fingia-se acreditar em Amman que o delfim forçava em demasia a consumação de «Scotch».

Antes de partir para a Turquia, em Maio último, Abdal-

lah exprimiu os seus receios acerca das aptidões de seu filho. Contudo, a fim de evitar o escândalo de uma perda de direito antes do seu regresso de Ankara, renunciara a instituir um Conselho de Regência. Els pois Talal regente. Não ocupa esse lugar se não por vinte e quatro horas; mas foi uma jornada, bem cheia. Depois de ter passado a tarde a enrrar sem destino, pelas ruas da capital, dirige-se de noite ao hospital italiano onde sua mulher acabava de dar à luz uma filha, tentando apunhalar as duas. É desarmado a tempo; mas duas horas mais tarde, intervêm justamente para impedi-lo de estrangular o seu filho de 9 anos de idade.

No dia seguinte, o príncipe louco é conduzido a um asilo de Beyrouth, onde se conserva um mês, sucedendo-lhe como regente seu irmão Naïef.

O segundo-génito

Ocupando-se do caso, a oposição faz crer que Talal está são de espírito e que o afastaram por ele ter manifestado a intenção de se opôr à influência inglesa e, por ameaçar de matar John Glubb pachá.

A questão da sucessão estava, pois, aberta. Naïef não parecia o homem qualificado: foi detido o ano passado pela polícia libanesa, que descobrira no seu carro, mercadorias de contrabando. Segundo o artigo 22 da Constituição, o herdeiro deve ser «o filho mais velho em linha directa, do sexo masculino», o que exclui Naïef. Neste caso, o jovem Hasseln, filho mais velho de Talal, é que será chamado a reinar. Mas podem surgir muitas complicações. Há dois meses, o rei Abdallah havia declarado: «**Tudo o que eu posuo pertence ao jovem rei do Iraque e tudo deve ser-lhe en-**

tregue depois da minha morte».

O rei do Iraque é Fayçal II, de 16 anos de idade, sobrinho-neto de Abdallah. Não irá Bagdad delitar mão a esta declaração de Abdallah para reivindicar para o rei do Iraque a corôa da Jordânia? E neste caso, que atitude adoptarão os outros países árabes hostis ao reagrupamento hachemita?

Qualquer que ela seja, a morte do rei da Jordânia, criou uma situação cuja gravidade passa além da Jordânia. O soberano hachemita, provou constantemente a sua moderação. Ele tinha a coragem de sustentar o princípio da manutenção da paz com Israel e a cooperação activa com o Ocidente. Desaparecido ele, que restará das suas disposições?

Um após outro, dois dirigentes árabes tombaram às balas de assassinos. Os outros perguntam qual será a próxima vítima. Saberão eles resistir ao terror? Ou quenerão pelo contrário entregar-se ao habitual sobrelanço com os assassinos? Nesse caso, o Próximo Oriente conhecerá um ciclo sinistro de demagogia e de assassinios.

Com Abdallah, desaparece um dos últimos cavaleiros árabes. Há poucos dias, Riad Solh, o antigo presidente do Conselho libanês, era abatido no momento de deixar o solo jordânico. Condenando o assassínio do seu hóspede, o rei hachemita havia declarado: **Este crime é um ataque às tradições das nações árabes, o repúdio da sua concepção da honra, assim como uma afronta às razões do seu renascimento».**

Que melhor oração funebre poderia encontrar-se para Abdallah, o Hachemita, assassinado quando entrava na mesquita de Al Aksa para orar sobre o túmulo de seu pai?

**LEIA E DIVULGUE
PANTAGRUEL
O MELHOR LIVRO SOB
TRATADOS DE CULINARIA**

O NOVO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS

A AMISADE HISPANO-AMERICANA



O sorriso do almirante Sherman

PERANTE a Assembleia Nacional, numa cerimónia de excepcional significado cívico, foi investido nas funções de presidente da República o sr. general Craveiro Lopes. A eleição do novo Chefe do Estado representou a consagração do seu nome e da tradição que esse nome simboliza, confirmou a orientação política e administrativa que norteia os destinos do País há um quarto de século.

Pelas suas qualidades pessoais, pelo brilho da sua carreira de soldado, pelo aprumo da sua vida dedicada ao serviço da pátria o nome do sr. general Craveiro Lopes pode apontar-se como uma garantia de que a obra já realizada terá a indispensável continuidade. As afirmações que fez no acto solene da sua investidura constituem uma promessa e uma certeza, a promessa de que a família portuguesa tem um chefe à altura das circunstâncias e a certeza de que ele envidará os esforços necessários para que Portugal continue a ser uma nação digna do seu passado.

Sem sobressaltos e sem hesitações, foi ultrapassada a breve interinidade aberta pelo falecimento do sr. Marechal Carmona. O melhor louvor que pode atribuir-se ao seu sucessor está na convicção generalizada de que este saberá, através de tudo, honrar o exemplo deixado pelo saudoso Chefe do Estado que durante mais de duas décadas de anos presidiu aos destinos da nação.

São esses os votos muito sinceros de todos os portugueses que, acima de tudo, desejam o bem da sua pátria.



Em Madrid, o almirante Sherman encontra-se com o generalissimo Franco

ESTE NUMERO
FOI VISADO
PELA CENSURA

O CHEFE
DO EXERCITO
DO OCIDENTE



Arquivamos nestas paginas um dos ultimos retratos de Petain, o glorioso cabo de guerra que em 1914 foi a alma da França e que todo o mundo admirava e estimava como exemplo de virtude e de franquesa



General Eisenhower

O SOL VOLTOU A BRILHAR

● Continuado da 2.^a página ●

sofrido... — tornou-se com grave expressão no rosto moreno. — Belita! O que terá pensado de mim!... Nunca respondi às suas cartas! Poderei esperar o seu perdão? O melhor é explicar-lhe tudo...

— Não, Rogério Paulo... Não me deve explicação alguma. Creia que compreendi o seu silêncio e quero dar-lhe os parabéns por ter escolhido uma noiva digna de si...

— Mas!... Não sei o que quer dizer!... Acaso?...

Apelando para todas as suas forças, Belita elucidou-o:

— Ouvi dizer que estava noivo.

— Ah... Agora compreendo... — respondeu Rogério, já com o semblante desanuviado. E, com voz meiga, acrescentou:

— Oiça, querida! Vou estar agora ocupado com os meus papéis, a alfândega, etc. Não poderemos encontrar-nos logo à noite?...

— Acho que sim... Estamos em casa do tio Duarte...

— Então, ótimo! Também tenho pressa de abraçar o Carlos...

E separaram-se, como nos dias felizes do passado distante...

* * *

ATÉ eles chegavam, indistintamente, os ruídos nocturnos da cidade meio adormecida...

Lá adiante, numa nesguita do Tejo, a Lua derramava a sua claridade argentea...

Sentada no terraço da casa do tio Duarte, Belita acabava de compreender que o sofrimento de Rogério Paulo não fora menor do que o dela. Sabendo-a rica e herdeira dum grande nome, ele resolvera partir para Johannesburgo, onde lhe tinham prometido arranjar uma boa colocação, que o pusesse ao nível daquela que escolhera para companheira da sua vida. Todavia, enquanto não assegurava o futuro de ambos, não queria responder as cartas de Belita, receando aliudiala com uma falsa esperança. De resto, sabiam que o pai dela, ativo e cheio de pergaminhos, jamais consentiria num enlace desigual.

Mas o mau tempo passara. E o Sol voltara a iluminar aqueles dois corações, repletos de amor e de vida.

VIA LÁCTEA

A faixa esbranquiçada que se avista no céu quando a noite está escura, e que parece atravessar o espaço de um ponto ao outro do universo, cham-se via-láctea. Os astrónomos gregos deram-lhe o nome de «galáxia» que significa: «caminho branco», ou «caminho cor de leite». Vulgarmente, porém, a via-láctea é chamada: «estrada de S. Tiago», afirmando-se que foi por este caminho que aquele apóstolo subiu ao céu.

VARANDIM

COLOQUIO

Cronica de CARMEN DE FIGUEIREDO

A noite era de Verão. Eles subiam um dos arruamentos do parque, intetramente deserto àquela hora de mórvidos cansaços. No casino a orquestra emudecera. As plantas, toda a vegetação, luxuriante e esparsa, quedavam-se estáticas. Nem um sopro de aragem encrespava o folhame cintilante. Nada bulia. Hora-morta, hora aterradora talvez, ou talvez a hora dos febricitantes apelos em que almas se identificam e espiritos se compreendem melhor.

A própria tria do mar, lá adiante, era apenas um lençol imenso, estendido a córa.

Caminhavam os dois, bustos curvados, passadas certas. Chegados ao cimo, voltaram-se; a chapada do luar mandou-os. Sorriam à noite esplêndida, obra e parada. Seus olhares abrangeram toda a vastidão quieta. Ele tomou-lhe a mão. Ela abandonou-a, e, sem uma palavra, procuraram um banco.

— ELE — Lembra-te de que foi neste parque, por uma bela manhã de Primavera, que nos encontrámos pela primeira vez?

ELA — É lá possível, meu Juvenal esquecer esse minuto único, em que nossos olhos mergulharam na alma um do outro! Mas... Caso estranho: ao recordar o nosso enleio, penso que todo esse grantie sonho o vivi numa vida...

ELE — E talvez tenhas razão, Cristina... Eramos bem outros há dez anos... Hoje, a vida para nós já não é a mesma, e daí... Eu, também sinto na alma essa vaga saudade martirizante das horas que foram minhas numa outra idade e talvez por isso mesmo numa outra vida... Saudades de nós mesmos, sabes? Sim, tu deves compreender-me... A tua extraordinária sensibilidade tudo apreende...

ELA — Por meu mal, assim é... Ah Juvenal, fosse eu como a outra gente!... Mas não sou. Para mim, uma emoção é um tesouro. E nem eu sei se posso chamar dom divinatório a essa estranha preciência que me leva a ler nas outras almas, a sentir por vezes as suas angústias e torturantes ansiedades. Teenho a impressão de que os meus nervos são antenas, recebendo todos os murmores psicológicos... E agora, que já passámos tantos anos em comum, que o nosso amor se transformou, purificando-se, eu sinto, Juvenal, que o passado foi uma outra vida que vivemos, sim, não direi mais bela, mas diferente.

ELE — Não, Cristina, nem tu nem eu, poderemos dizer do passado, que foi mais belo. Diferente, apenas! Então, os nossos corpos juvenis desejavam-se com o ardor impetuoso da novidade. Não havia ponderação nem profundidade. Amávamo-nos inconscientemente, sem a grave responsabilidade que faz do amor um sentimento elevado. A posse, não era a penetração de duas almas torturadas pela ansia sublime de comunhão total, mas sim um acto do instinto, em busca de prazer. Hoje, não! Disseste há pouco, e muito bem, que o nosso amor se transformou. Foi isso, de verdade! Saudades do passado?! Muitas, muitas saudades! Mas o certo é que o minuto que prendemos em nossas mãos é também cheio de encanto e poesia. Evidentemente, que, já não nos galvaniza o febril entusiasmo antigo; porém, quanto beleza na plácida dignidade da nossa boa ternura?!

ELA — Meu Juvenal, esta noite, parece existir precisamente para este nosso colóquio! Como as nossas almas estão juntas, compreendendo-se, estimando-se, adorando-se! Estamos um pouco deslocados neste Verão da vida, mas talvez por isso mesmo somos «plantas» raras — salvo seja! — dignas de admiração... Já passaram dez anos, querido amigo... Foi lá em baixo, junto à bacia circular do lago feto de pedras arredadas, que nos fitámos...

ELE — Como eu lembro, como eu lembro... Tu, ruborizada, correste a mirar teu rosto no espelho das águas paradas. Eu segui-te, audacioso, e nossas faces incendiadas uniram-se na superfície líquida...

ELA — Juvenal!

ELE — Cristina, meu amor, minha amiga, minha irmã...

ELA — Como o luar nos beija!

ELE — Somos felizes! A jogueira da vida fundiu nossos corações. É Verão agora; que o Outono venha e o Inverno nos encontre assim unidos...

...As luzes do casino tinham-se apagado. Tudo era quietude na hora dormente.

Eles desceram o deserto arruamento do parque silencioso, vagarosos, curvados.

Lá iam: duas sombras movediças que o luar beijava.

Dois vultos, duas sombras, ou o símbolo divino do amor-espirito?! A noite era de Verão; uma noite tépida, serena. Eles caminhavam isolados do Mundo, vivendo um mundo só deles...

Skrip



SHEAFFER'S

Nunca houve uma caneta como a SHEAFFER'S...

Nem uma SHEAFFER'S como esta
Novo modelo «**TM**» (THIN MODEL)
com enchimento «**TOUCH-DOWN**»

///
Qualquer caneta escreve melhor com

Skrip

(O SUCESSOR DA TINTA)

Frascos de 2, 4, 16 e 32 onças

///
EXCLUSIVO DE
AZEVEDO & DUARTE, LIMITADA
Rua do Crucifixo, 76 - LISBOA
Depósito no Porto - **ÉLIO AMORIM**

**QUER
GANHAR
Mais
DINHEIRO?**

Aprenda Rádio em sua Própria Casa, Nos Momentos de Folga.

**Aprenda como Iniciar seu
Próprio Negócio de
RADIO e
TELEVISÃO**

Posso adestrá-lo, em sua própria casa, durante os seus tempos livres, para um emprego bém, remunerado e com um esplêndido futuro em Rádio-TV, ou para começar com muito pouco capital, o SEU **PRÓPRIO NEGOCIO** de Rádio-TV.

Mande o cupom que aparece mais abaixo pedindo o meu livro **GRATIS** que lhe dará os pormenores sobre o **MEU DUPLO METODO** de estudo em casa: instrução teórica **UNIDA** à verdadeira prática, ajudando a aprender mais **DEPRESSA** e **MAIS PROFUNDAMENTE**.



C. H. Mansfield
President

Você construirá o Painel de instrumentos de prova, que mostramos à esquerda, assim como, vários outros aparelhos como os que estampamos abaixo.



**Você Receberá
10 Jogos De
Peças De Rádio**

VOCE APRENDE PRATICANDO

Durante seu treinamento, você receberá 10 jogos de peças de rádio, que lhe permitirão executar inúmeras provas e experiências. Esse fato, como é natural, tornará seu estudo agradável e eficiente.

MUITOS HOMENS GANHAM DINHEIRO

Não há necessidade de você esperar que o curso termine, para começar a ganhar dinheiro, pois a maioria de meus

DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO

estudantes consegue reaver mais do que dispendeu com o curso, muito antes de terminá-lo.



**Você Construirá este
Receptor de
Rádio**



HOLLYWOOD RADIO & TELEVISION INSTITUTE
Hollywood 28 • California, U. S. A.

REMETA ESTE CUPON AINDA HOJE

C. H. MANSFIELD, Pres., Dept.
Hollywood Radio and Television Institute
7078 Hollywood Boulevard, Hollywood 28, Calif., U. S. A.

Desejo receber seu livro **GRATIS**, sob o título "Suas Oportunidades em Rádio, Televisão e Electrónica."

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ País _____



**LIVRO
GRATIS**